

ROSENDO, Daniela. *Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista*. Curitiba: Editora Prisma, 2015.

Laís Dias Souza da Costa

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Correspondência:

Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal de Mato Grosso

Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367 – Boa Esperança

Cuiabá – MT – Brasil. CEP: 78060-900

E-mail: laisdscosta@hotmail.com

Nature is a feminist issue ou em uma tradução livre: a natureza é uma questão feminista. Essa frase, de acordo com a filósofa estadunidense Karen J. Warren, pode ser considerada o lema do ecofeminismo, definido por Daniela Rosendo em sua dissertação de mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como

[...] uma posição que leva em consideração a perspectiva feminista e as teorias ambientais, com o objetivo de conjugar ambas e superar o sistema de opressão caracterizado pela relação de subordinação às quais as mulheres a natureza são submetidas pelos homens.¹

Warren se dedica a filosofia ecofeminista há mais de 30 anos, sendo uma das referências quando se fala no tema, especialmente após a publicação de sua obra *Ecofeminist philosophy*, no ano 2000, onde apresenta sua versão de ética. Nela, a filósofa rejeita teorias baseadas em direitos e argumentos racionais que negam as emoções e são universalisantes, enquanto a ética sensível ao cuidado reconhece a pluralidade e os interesses morais e heterogêneos entre os humanos e os não-humanos, de acordo com o contexto em que se dão essas relações.

Mas é a partir da dissertação de mestrado de Daniela Rosendo com o mesmo título do livro que a filosofia ecofeminista warreniana é apresentada detalhadamente, no Brasil, já que, ainda, nenhuma obra da estadunidense foi traduzida e publicada em português, restringindo o acesso de pesquisadoras e pesquisadores interessados no tema. Atualmente cursando doutorado em Filosofia na UFSC, Rosendo também é professora e integrante do Comitê Latino Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da

¹ ROSENDO, Daniela. *Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista*. Curitiba: Prisma, 2015, p. 23.

Mulher (CLADEM Brasil) e assina duas colunas sobre ecofeminismo, uma no portal *Justificando* e outra publicada pela Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA).

“*Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista*” foi publicado em 2015 pela Editora Prismas e tem como objetivo “[...] analisar se a ética sensível ao cuidado é factível para a superação da discriminação sofrida pelas mulheres e pela natureza, e se ela se constitui como uma ética ambiental genuína”.² Para a filósofa e professora doutora da UFSC, Sônia T. Felipe, que apresenta o livro de Rosendo aos leitores, a doutoranda realiza quatro movimentos para “entrever seu método de investigação. [...] Primeiro, o da *visita* à caverna. Como resultado dessa visita, somos apresentadas ao que resultou de visitas feitas por Warren às concepções ambientais e animais que ela julga não terem superado os limites da dominação machista”.³

No segundo, de acordo com Felipe, Daniela Rosendo

[...] nos apresenta às *visitantes admitidas* por Warren em sua proposta ética, às teses, conceitos e teorias recebidos por Warren de outras feministas, incorporados por ela em sua própria concepção, ensejando a nós, leitoras e leitores, a compreensão da estratégia de argumentação da feminista.

No terceiro movimento, temos uma primeira saída da caverna, quando nos são apresentadas por Rosendo as visitantes que, antes dela, também já fizeram o percurso investigativo e crítico da concepção ecofeminista de Warren.⁴

Sônia T. Felipe explica, por fim, que ela

[...] elabora sua *crítica* ao alcance aos limites da concepção da ética sensível ao cuidado de Warren, apontando falhas que sequer foram percebidas por outras feministas que a antecederam em suas visitas ao texto de Warren, especialmente as relativas ao silêncio dela sobre suas escolhas dietéticas (grifo da autora).⁵

A lógica da dominação como premissa moral

Utilizando o gênero como uma categoria de análise, o ecofeminismo questiona os sistemas de dominação que oprimem diferentes grupos, entre eles, de afrodescenden-

² ROSENDO, Daniela. *Sensível ao cuidado*, *Op. cit.*, p. 191.

³ *Ibidem*, p. 16.

⁴ *Idem*.

⁵ *Ibidem*, p. 17.

tes, pobres, idosos, crianças e de mulheres, considerados por Warren os “Outros humanos” (*human Others*), além dos “Outros terrestres” (*earth Others*), grupos constituídos por animais e florestas, todos discriminados injustificadamente. Citando a ecofeminista indiana Vandana Shiva, uma das referências presentes na obra de Warren, Rosendo explica que para Shiva, “[...] o desenvolvimento ocidental é na verdade um ‘subdesenvolvimento’ (*maldevelopment*), um desenvolvimento destituído do feminino, que vê todo trabalho que não gera lucro e capital como improdutivo”.⁶

De acordo com Rosendo (2015), para Warren “[...] há interconexões entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza, cujo conceito compreende animais não-humanos, plantas e ecossistemas”,⁷ justificando, assim, a existência de uma teoria que considere moralmente a natureza e consiga abolir essa discriminação.

Ela apresenta a existência de dez tipos de interconexões na teoria de Warren: histórica, conceitual, empírica, socioeconômica, linguística, simbólica e literária, espiritual e religiosa, epistemológica, política e ética. Cada uma delas descreve diferentes formas de opressão social das mulheres e de exploração da natureza, mas Warren destaca a conexão conceitual como o elemento central da filosofia ecofeminista que apresenta diversas correntes.

Estruturas conceituais não são intrinsecamente opressoras. Contudo, a partir do momento em que passam a ser afetadas por fatores como gênero, raça, classe, idade, orientação afetiva, nacionalidade, formação religiosa etc., elas passam a ser opressoras, ou seja, elas são usadas para explicar, manter e “justificar” as relações de dominação e subordinação injustificadas. Assim, uma estrutura conceitual opressora de viés machista “justifica” a subordinação das mulheres pelos homens.⁸

A partir da estrutura conceitual, Warren identifica cinco características: pensamento de valor hierárquico (*up-down*), “[...] no qual se valoriza, confere mais *status* ou prestigia mais os ‘de cima’ (*up*) e menos os ‘de baixo’ (*down*)”;⁹ dualismos de valor opostos (*oppositional value dualisms*), “[...] marcados por características opostas e excludentes, ao invés de complementares e inclusivas, valorizando mais uma característica em detrimento da outra”;¹⁰ “[...] poder entendido e exercido como poder de dominação [...]; [...] criação, manutenção ou perpetuação da concepção e prática de privilégio

⁶ ROSENDO, Daniela. *Sensível ao cuidado*, *Op. cit.*, p.37.

⁷ *Ibidem*, p. 34.

⁸ *Ibidem*, p. 47.

⁹ *Ibidem*, p. 48.

¹⁰ *Idem*.

concedido aos ‘de cima’ (*ups*) e negado aos ‘de baixo’ (*downs*)” e, por fim, “uma estrutura de argumentação que visa justificar a subordinação (lógica da dominação)”.¹¹

Quando Warren fala sobre as pessoas e grupos “de baixo”, ela faz associação às mulheres, afrodescendentes, natureza e corpo, já os “de cima” são relacionados aos homens, brancos, a cultura e a mente (racionalidade). Para Rosendo (2015), “[...] Warren afirma que esse pensamento de valor hierárquico legitima a desigualdade ao invés de afirmar somente que existe a diversidade”.¹²

Com menos poder e privilégio institucional que os homens, as mulheres se mantêm na parte “de baixo” dessa hierarquia, já que os “[...] benefícios criados, mantidos e sancionados institucionalmente refletem o poder e o privilégio dos ‘de cima’ sobre os ‘de baixo’ e perpetuam os ‘ismos de dominação’ (sexismo, racismo, classicismo, heterossexismo, etnocentrismo)”.¹³ Essa lógica de dominação é apontada pela autora, a partir da teoria warreniana, como a premissa moral utilizada enquanto justificativa ética para perpetuar “[...] a subordinação dos ‘de baixo’, nas relações de dominação e subordinação, pelos ‘de cima’, ela é basilar para as estruturas conceituais opressoras”.¹⁴

Para Warren, as mulheres foram falsamente conceituadas como inferiores, em relação aos homens, baseando-se em três equívocos: o determinismo biológico, essencialismo conceitual e universalismo. A existência de uma “natureza” feminina e de características que ligam biologicamente as mulheres à natureza, por conta de sua capacidade reprodutiva, são difundidas pelos deterministas como atributos inerentes a existência das mulheres.

O essencialismo conceitual pressupõe erroneamente que o conceito de mulher é unívoco, que capta condições essenciais da mulher ou da feminilidade. O universalismo supõe incorretamente que todas as mulheres compartilham um conjunto de experiências simplesmente pelo fato de serem mulheres.¹⁵

Ao longo do livro *Ecofeminist Philosophy*, traduzido e apresentado por Rosendo em sua dissertação, Warren diferencia a opressão da dominação e afirma que a primeira sempre “[...] ‘envolve dominação. Em contrapartida, nem toda dominação envolve opressão’. A opressão implica em tolher a liberdade de fazer escolhas e opções. Portanto,

¹¹ ROSENDO, Daniela. *Sensível ao cuidado*, *Op. cit.*, p. 48.

¹² *Ibidem*, p. 49.

¹³ *Ibidem*, p. 50.

¹⁴ *Ibidem*, p. 51.

¹⁵ *Ibidem*, p. 56.

não-humanos, por não terem tal liberdade, não podem ser ‘oprimidos’, apenas ‘dominados’”.¹⁶

Ao considerar os não-humanos, Rosendo explica a proposta de Warren para reformular o feminismo, a filosofia feminista e a ética ambiental, por meio de outro argumento, onde o feminismo tradicional poderia incorporar o feminismo ecológico ou ecofeminismo, visando a consideração moral dos humanos para os não-humanos e a abolição do naturismo (dominação injustificada na natureza). “(1) O feminismo é, minimamente, um movimento para pôr fim ao sexismo. (2) O sexismo é conceitualmente ligado ao naturismo. (3) O feminismo é (também) um movimento para pôr fim ao naturismo”.¹⁷

Cuidado como fundamento ético

Apesar de não formular uma ética ambiental inédita, de acordo com Rosendo, a proposta de Warren incorpora elementos existentes em outras teorias com um viés crítico que rejeita a faceta masculina da ética baseada em direitos, regras e princípios porque esses elementos não consideram outros conceitos defendidos pelas ecofeministas como a “singularidade” e a “vulnerabilidade”. Rosendo cita a ecofeminista e filósofa Sônia T. Felipe, precursora do tema no Brasil, que defende esses conceitos como sendo os “únicos que permitem considerar interesses naturais animais com a mesma seriedade com a qual consideramos interesses naturais humanos, semelhantes aos deles”.¹⁸

Para elaborar sua ética, Warren relacionou a teoria feminista à teoria da hierarquia, considerada a principal sobre a ecologia dos ecossistemas, e à ética da terra, elaborada por Aldo Leopold, que tem como princípio moral constitutivo o amor e o respeito a terra.

Warren conjuga essas duas teorias e afirma que, juntas, elas fornecem a base para considerar a filosofia ecofeminista uma posição ecológica. Por outro lado, ela argumenta que a filosofia ecofeminista pode contribuir tanto para a ecologia quanto para a ética da terra. O elo entre as três perspectivas (teoria da hierarquia, ética da terra e filosofia ecofeminista) é a orientação ecológica para o mundo, sobre a qual cada um contribui à sua maneira.¹⁹

¹⁶ ROSENDO, Daniela. *Sensível ao cuidado*, *Op. cit.*, p. 58.

¹⁷ *Ibidem*, p. 61.

¹⁸ *Ibidem*, p. 77.

¹⁹ *Ibidem*, p. 79.

A ética sensível ao cuidado é caracterizada por três elementos: capacidade para o cuidado; universalismo situado e práticas do cuidado. Sobre a primeira característica, a filósofa faz referência à inteligência emocional que compreende entre as habilidades básicas a capacidade de cuidar. “Cuidar do outro, expressa uma capacidade cognitiva, uma atitude em direção àquele que está sendo cuidado, que merece tratamento respeitoso e independe de ter sentimentos positivos em direção a ele”.²⁰

Quanto ao universalismo situado, a segunda característica da ética sensível ao cuidado, Warren desenvolve a ideia de que existem princípios éticos universais, mas que essa universalidade não consiste em eles serem princípios abstratos, transcendentais e essencialistas, guiados somente pela razão. O princípio orientador do universalismo situado é: “a universalidade reside na particularidade”.²¹

Sobre as práticas do cuidado, elas são responsáveis por manter, elevar ou promover a saúde, provocando bem-estar, e entre essas práticas estaria o vegetarianismo moral contextual. Para Warren, uma dieta vegetariana é uma “[...] atitude moralmente correta que se tem com relação aos animais”²² porque os não-humanos também são considerados membros de uma comunidade ecológica.

Rosendo apresenta os limites e os alcances da teoria warreniana, considerando entre os aspectos limitadores os momentos em que Warren não avança, “[...] seja por silenciar ou fazer propostas sem coerência com sua teoria ou uma ética genuína”.²³ Um desses limites diz respeito ao vegetarianismo moral contextual que estaria ligado apenas a abstenção de comer carne, excluindo da lista outros produtos de origem animal como o couro utilizado em roupas e sapatos. Para Sônia T. Felipe (2012), Warren silencia o consumo humano de bilhões de seres sencientes, além dos produtos derivados como os laticínios, e acredita que a transformação proposta pela estadunidense só pode ser feita por meio do abolicionismo vegano.

Entre os alcances da ética sensível ao cuidado, Rosendo destaca o caráter político do cuidado “[...] com a ‘saúde’ das instituições, que, ‘adoecidas’, oprimem”.²⁴ Além disso, ela reafirma o distanciamento de Warren da concepção essencialista da mulher,

²⁰ ROSENDO, Daniela. *Sensível ao cuidado*, *Op. cit.*, p. 101.

²¹ *Ibidem*, p. 103.

²² *Ibidem*, p. 108.

²³ *Ibidem*, p. 169.

²⁴ *Ibidem*, p. 195.

apesar das críticas de algumas ecofeministas, e, ainda, que “[...] a estratégia de argumentação é clara e mostra que os sistemas de opressão estão interligados, sendo necessário superar todas as formas de discriminação”.²⁵

A perspectiva filosófica apresentada por Rosendo torna-se referência imediata para os “feminismos” discutidos e problematizados dentro e fora das universidades brasileiras com destaque para o caráter inédito da obra que se insere em um contexto onde as normativas essencialistas estão sendo debatidas. Assim, a natureza continua sendo uma questão feminista para Karen J. Warren, Daniela Rosendo, Sônia T. Felipe, mulheres e homens que consideram pertinente confrontar noções essencialistas nas quais o “Homem” ainda é considerado o sujeito universal, e a natureza, assim como as mulheres tentam ser invisibilizadas. Ao dedicar o livro “*Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista*” às vozes dissidentes, Rosendo “escuta” os ecos de Warren e “fala” aos humanos e não-humanos sobre uma outra possibilidade de se colocar no mundo e se relacionar com todos os seres que o habitam.

Sobre a autora:

Laís Dias Souza da Costa

Mestre e doutoranda em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
Jornalista.

Resenha recebida em 15 de setembro de 2015.

Aprovada em 8 de dezembro de 2015.

²⁵ ROSENDO, Daniela. *Sensível ao cuidado*, *Op. cit.*, p. 191.